



## **O PODER NA TORCIDA: CONSENSO, FUTEBOL E DITADURA NO BRASIL (1970) E NA ARGENTINA (1978)**

Dra. Livia Gonçalves Magalhães\*

Dra. Janaina Martins Cordeiro\*\*

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise comparada dos discursos dos presidentes General Emílio Garrastazu Médici do Brasil e do General Jorge Rafael Videla da Argentina por ocasião das Copas do Mundo de Futebol da FIFA, em 1970 e 1978. O objetivo é analisar como os discursos presidenciais utilizaram os êxitos esportivos das seleções nacionais – em 1970, para o caso do Brasil e em 1978, na Argentina –, para fortalecer determinados projetos nacionais representados pelos regimes civis-militares de cada país.

**Palavras-chaves:** América Latina, Copa do Mundo, ditadura civil-militar, consenso.

## **POWER IN THE CROWD: CONSENSUS, SOCCER AND DICTATORSHIP IN BRAZIL (1970) AND ARGENTINA (1978)**

**Abstract:** This paper proposes a comparative analysis of the speeches of presidents General Emilio Medici of Brazil and the General Jorge Rafael Videla of Argentina during the FIFA World Cup in 1970 and 1978. The aim is to analyze how the presidential speeches used the sporting successes of the national team - in 1970, in the case of Brazil and in 1978 in Argentina - to strengthen certain national projects represented by civil-military regimes in each country.

**Keywords:** Latin America, World Cup, Civil-military Dictatorship, consensus.

---

\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professora Substituta de História da América da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professora Adjunta de História Contemporânea da UFF.

## Apresentação

As Copas do Mundo de Futebol realizadas pela FIFA não são apenas um evento esportivo internacional. Para muitos países, como Brasil e Argentina, este evento representa um momento de intensa manifestação de suas identidades nacionais, e também um espaço de expressão de tensões políticas. Desde sua primeira edição no Uruguai em 1930, quando o país celebrava os cem anos de sua independência, as Copas do Mundo foram realizadas sob a gravitação do contexto político de seu momento<sup>1</sup>, sofrendo os impactos e influências de tais conjunturas, adaptando-se e dialogando com elas.

As Copas do Mundo de 1970 e 1978 tiveram importância singular para Brasil e Argentina, respectivamente. A de 1970, para o Brasil, significou o tricampeonato mundial. A seleção canarinho era a primeira na história a realizar tal feito e o fazia, segundo alguns, com a melhor seleção de todos os tempos. Para a Argentina, tratava-se, antes de mais nada, da realização do evento em seu próprio país e, nesse sentido, das possibilidades de mostrar ao mundo sua capacidade de fazê-lo e bem. O campeonato tornou-se o primeiro conquistado pelo selecionado argentino: a consagração mundial em “em casa”; o triunfo nacional em momento de grandes tensões políticas e sociais.

Aliás, esta era também uma outra característica comum: quando das respectivas vitórias das seleções nacionais – em 1970, para o Brasil e em 1978 para a Argentina –, ambos os países viviam sob ditaduras. Ambos, sob liderança das Forças Armadas nacionais, construía regimes pautados pela Doutrina de Segurança Nacional, fortemente orientados pelas noções de guerra interna e de necessidade de combate a um suposto “inimigo interno”. No restante, há que se destacar as diferenças. Não apenas aquelas existentes entre as duas ditaduras – conquanto houvesse também semelhanças –, mas, sobretudo, os diferentes contextos que marcaram as respectivas vitórias esportivas.

Para o Brasil, a primeira metade da década de 1970 significou um período repleto de ambivalências para a ditadura civil-militar: neste momento, intensificaram-se as ações de grupos de guerrilha urbana e rural contra o regime. Simultaneamente, os

---

<sup>1</sup>BUFALI, Andrés Alberto, BOIMVASER, Jorge Daniel e CECCHINI, Daniel Guillermo. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires, Planeta, 1994.



órgãos de repressão, informação e propaganda se aperfeiçoavam e a caça aos “inimigos do regime” acelerava-se, ganhando contornos profissionais e massacrando, rapidamente, as oposições armadas. Ao mesmo tempo, o país conheceu um período de expressivo crescimento econômico – o chamado *milagre brasileiro* –, quando amplos setores da economia nacional cresciam a índices bastante elevados e o país modernizava-se de maneira acelerada. Anos de chumbo, para aqueles apanhados pelas mãos duras da repressão; anos de ouro para aqueles que vislumbravam perspectivas de ascensão social e econômica, imersos em um ambiente de intenso apelo ufanista. Aqui, a conquista do tricampeonato de futebol significou a ampliação sem precedentes de um clima de euforia nacionalista e desenvolvimentista vividos em um momento em que o *milagre* começava a apresentar seus primeiros efeitos.

O caso da ditadura argentina é bastante diferente. Em 1978, quando teve lugar a Copa do Mundo de futebol, havia dois anos que ocorrera o golpe que depôs da presidência María Estela Martínez de Perón. De acordo com Daniel Lvovich, o golpe de 1976 representou um momento em que as lideranças civis e militares do país estavam de pleno acordo quanto às medidas que deveriam ser tomadas. Tratava-se de “destruir as bases da desordem”, de “liquidar a ‘Argentina maldita’”<sup>2</sup>. Como observou Hugo Vezzetti, o *Proceso de Reorganización Nacional* “anunciaba desde la desmesura de esa denominación que no le bastaba intervenir sobre el Estado y las instituciones sino que la *Nación* misma debía ser objeto de una profunda reconstrucción”<sup>3</sup>. Era este processo de “refundação nacional” – assentado em políticas de Estado baseadas no desaparecimento dos opositores, transformados, então, em “inimigos” –, que estava em curso quando da realização da Copa em 1978. Assim, muito embora em 1978 o regime já considerasse vencida “a guerra contra a subversão de esquerda”, o país enfrentava intensa campanha de denúncia de violações dos direitos humanos no exterior. Nesse sentido, o Processo de Reorganização Nacional, viu na possibilidade de realizar o maior evento do futebol mundial uma oportunidade para melhorar a imagem do país, interna e externamente. Dito de outra maneira, os êxitos do evento e da seleção nacional “ultrapassava o limite

---

<sup>2</sup>LVOVICH, Daniel. “Sistema político y actitudes sociales en la legitimación de la dictadura militar argentina (1976-1983)”. In: *Ayer*, 75/2009. (P. 280)

<sup>3</sup>Vezzetti, 2003: 55. Apud: LVOVICH, Daniel. “Sistema político y actitudes sociales en la legitimación de la dictadura militar argentina (1976-1983)”. In: *Ayer*, 75/2009. (P. 280)



esportivo, e o objetivo era que os próprios líderes ficassem associados à vitória”<sup>4</sup>.

De fato, as Copas do Mundo são o momento máximo de expressão do nacionalismo através do futebol, pois é quando as nações são ratificadas em cada seleção nacional, e a metonímia de considerar a seleção de futebol pela nação que representa “muitas vezes serviu como arma ideológica a serviço de uma outra metonímia, mais perversa –aquela em que um governo se apresenta como nação (...) símbolos nacionais de diferentes ordens se fundem, bandeiras, hinos, cada elemento tomado peça em uma unívoca ideologia da superioridade nacional sobre o resto do mundo”<sup>5</sup>.

Durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), ocorreram cinco Copas do Mundo –1966, 1970, 1974, 1978 e 1982–, enquanto no caso da última ditadura militar argentina (1976-1983) foram dois eventos – 1978 e 1982. Porém, foram nas Copas de 1970 para o Brasil e 1978 para a Argentina que se constatou o fenômeno referido acima. É importante esclarecer que não consideramos as Copas do Mundo como parte de um projeto nacional destas ditaduras, mas sim um momento específico em que os militares de ambos os países utilizaram um elemento típico do imaginário nacional de suas sociedades em um sentido político. Assim, o mundo dos esportes foi um espaço utilizado pelos dois regimes para reproduzir ideias e modelos de um determinado tipo de sociedade.

Dessa forma, os discursos dos presidentes militares à população no ambiente esportivo conformaram aspecto importante em momentos de reafirmação ou reelaboração do consenso através do esporte. A proposta deste artigo é apontar alguns elementos nos discursos proferidos pelo presidente brasileiro General Emílio Garrastazu Médici e seu par argentino General Jorge Rafael Videla na época da realização dos torneios em que as seleções de futebol de seus países saíram vencedoras. Diferentemente do presidente argentino, no caso do presidente brasileiro, por se tratar de um conhecido admirador do esporte, para além dos discursos, é importante analisar também a construção de determinadas imagens que buscavam associá-lo ao torcedor-homem-comum, humanizando-o, em alguma medida.

---

<sup>4</sup>MAGALHÃES, Livia G. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2014. (P. 59)

<sup>5</sup>GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud. “De pátrias e de chuteiras”. In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 7-12. (P. 8)



Tais momentos tornaram-se parte fundamental da renovação do consenso social que inicialmente permitiu os próprios golpes, utilizando um importante elemento da identidade nacional de ambos os países: o futebol.

### **Copas do Mundo em tempos de autoritarismo**

No momento de realização das Copas analisadas, amplos segmentos da sociedade brasileira e argentina estavam excluídas do jogo político e controladas por uma repressão que não permitia manifestações coletivas. Neste contexto, os governos precisavam trabalhar sua imagem constantemente, para assim gerar canais de aproximação com a sociedade. Uma importante saída foi a propaganda política e o apoio de importantes meios de comunicação.

No Brasil, durante o governo Médici, a propaganda oficial ficava a cargo da AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), subordinada ao Gabinete Militar da Presidência da República. A AERP construiu uma campanha onde estavam relacionadas as vitórias no campo esportivo com as vitórias do modelo militar, como se o êxito da seleção de futebol fosse um reflexo do bom momento do país<sup>6</sup>. Em certa medida, setores importantes da “indústria publicitária” privada e mesmo da grande imprensa seguiram de forma mais ou menos semelhante o modelo da AERP, buscando associar as vitórias esportivas a um projeto nacional de maiores proporções. Não obstante, se no caso da primeira teciam-se relações diretas entre *vitórias esportivas e governo*, no caso das segundas, tratava-se de associar as vitórias à Pátria e à identidade nacional.

O objetivo inicial da AERP era coordenar a comunicação entre o regime, os órgãos setoriais e a sociedade civil em geral, procurando assim obter um sistema político integrado que permitisse a execução do projeto militar<sup>7</sup>. Durante o governo

---

<sup>6</sup>FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

<sup>7</sup> Para compreender a lógica da atuação da AERP e seu uso pelo governo é necessário também compreender alguns mecanismos e estruturas criados pelos militares que permitiram o desenvolvimento de um aparelho de investigação, propaganda e repressão estatal de grande eficiência, como o Serviço Nacional de Informações (SNI). Criado em junho de 1964, ainda no governo de Costa e Silva, foi somente no governo Médici que o SNI tornou-se a ponta de uma ampla rede de espionagem. No mesmo contexto, foi criado em 1969 o sistema Codi-Doi, uma complexa polícia política formada pelas polícias civil, feminina e militar, membros das três armas militares e também bombeiros. Eles possuíam independência operacional, porém não eram autônomos em relação aos oficiais e generais, e o sistema foi



Médici a agência buscava especialmente vender noções de cidadania e “guiar” a sociedade nesta direção, porém sem um discurso muito politizado, o que poderia afastar a população. Portanto, o objetivo era mostrar as “boas intenções” e as “boas ações” dos militares, da mesma forma que apontar as “ameaças” a serem combatidas: a falta de moral, o comunismo, etc.<sup>8</sup>

Nesta lógica, o principal meio de comunicação de reprodução do discurso do regime e de sua propaganda foi a televisão, especialmente através de minifilmes elaborados pela própria AERP, porém não vinculados explicitamente a nenhum órgão do governo. Esta função que adquiriu a televisão também justifica o interesse do regime de que a maior parcela possível da população adquirisse este aparelho. As campanhas e filmes tinham como principal objetivo transmitir a impressão de um clima de paz e harmonia no país, já que os militares viam a discussão, a tensão e o debate público como sintomas de fragilidade. O objetivo das campanhas era mostrar o oposto, que a pátria vivia um clima de paz, resultado da intervenção e governança militar. Portanto, buscava-se transmitir à população a ideia de ausência de conflitos entre as classes sociais. A propaganda também foi uma arma ideológica importante para os militares porque criava a ilusão da participação da população no processo político. As campanhas oficiais enfatizavam o que o cidadão deveria fazer, seu papel no programa desenvolvimentista dos militares, construindo a ideia de que todos eram uma peça importante para alcançar o objetivo de crescimento nacional<sup>9</sup>.

Por sua vez, em 1978, a Argentina estava no centro do debate internacional em razão de dois eventos que sediaria: a própria Copa do Mundo de Futebol e o Congresso Internacional de Câncer. Na época, a imagem do país no exterior estava bastante associada às acusações de violação dos direitos humanos. Por isso, a principal preocupação do governo era sua imagem externa e sua repercussão internamente. Nesse momento a “subversão interna” já estava derrotada, e a nova ameaça era a “subversão externa”, e também aqueles que acusavam o regime de violação de direitos humanos. Os militares chamaram tais acusações de “campanha anti-argentina”, denunciando um

---

responsável pela maioria dos casos de tortura e extermínio da oposição ao governo (Fico, 2004). Segundo Carlos Fico (2004), o SNI e suas representações nos ministérios civis não estavam diretamente relacionados com a repressão física, e se mantinham basicamente como produtores de informações.

<sup>8</sup>MATOS, Heloíza. “O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici”. *Líbero*, Ano VI, nº12, 2002.

<sup>9</sup>FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.



movimento internacional contra o país por parte de organizações de Direitos Humanos, organismos internacionais e exilados no exterior<sup>10</sup>.

Também em função da atenção que o mundo dava ao país naquele ano houve um forte aumento das já citadas denúncias contra as violações de direitos humanos e também contra os desaparecimentos forçados de pessoas e o terrorismo de Estado. Tais denúncias eram originárias em grande parte da Europa, onde as principais manifestações vinham de grupos e partidos de esquerda, do governo dos Estados Unidos e da Anistia Internacional<sup>11</sup>. Em seu discurso, os militares denunciavam o que consideravam uma campanha externa contra o país, resultado de um desconhecimento da realidade nacional por parte dos acusadores e também de uma ação da “subversão externa”. Na verdade a “campanha anti-argentina” tratava, e primeiro lugar, de uma reatualização de antigas denúncias, existentes desde o primeiro ano do regime e que ganhou força em 1978<sup>12</sup>.

Assim, a Copa do Mundo ocorreu quando os militares necessitavam renovar parte da legitimidade inicial do golpe de Estado, procurando apoio e consenso por parte da sociedade civil. Naquele momento o governo concentrava-se em medidas de reestruturação nacional, já que as consequências da política econômica ainda não eram visíveis. Logo, para a Argentina não apenas ganhar a Copa era importante, já que como país sede os militares puderam utilizar a própria organização do evento como propaganda a seu favor, e responder às acusações vindas do exterior.

Percebe-se, então, que as referidas Copas chegaram no momento ideal para as duas ditaduras, que procuraram através do esporte incentivar uma participação controlada, associada a práticas de civismo, as quais representavam, por sua vez, as concepções de civismo daqueles regimes. Assim, depois de alguns anos, as ditaduras brasileira e argentina não apenas permitiram manifestações populares, mas incentivaram e utilizaram as Copas do Mundo para festejar um “êxito nacional”. Na lógica dos líderes militares de ambos os países, o êxito na Copa do mundo ultrapassava o limite esportivo, e por meio da propaganda política, os próprios líderes do regime ficavam associados a

<sup>10</sup>FRANCO, Marina. “Derechos humanos, política y fútbol”. *Entre pasados*. Buenos Aires, v.XIV, nº 28, 2005, p. 27 - 45.

<sup>11</sup>QUIROGA, Hugo. “La verdad de la justicia y la verdad de la política. Los derechos humanos en la dictadura y en la democracia”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 67-86.

<sup>12</sup>FRANCO, Marina. “Derechos humanos, política y fútbol”. *Entre pasados*. Buenos Aires, v.XIV, nº 28, 2005, p. 27 - 45.



esta vitória. A comoção nacional foi absoluta nos dois países e a vitória no futebol foi associada ao modelo de sociedade e nação imposto pelos militares.

### Os militares e a bola

Se por um lado os argentinos tinham a vantagem da realização do evento em seu próprio país, no Brasil, além de uma conjuntura favorável, havia o gosto pessoal do general Médici pelo futebol. Médici era apaixonado por futebol. Gaúcho, torcia pelo Grêmio. No Rio de Janeiro, era Flamengo. Desde que foi indicado à presidência da República em 1969, Médici era presença sempre notada – e anunciada – nos estádios de futebol, assistindo às partidas sempre acompanhado de seu rádio de pilha, como fazia a maior parte dos torcedores, o que permitiu à propaganda oficial a frequente associação entre as imagens do presidente e do *homem comum*, sintetizados na figura do *torcedor*.

Médici era efetivamente um *torcedor*. Sua popularidade estava profundamente ligada ao futebol, mas ia além. Ligava-se, antes, ao contexto mais amplo do *Milagre*, ao combate à *subversão e ao terrorismo* e às promessas de abertura política ao final do seu mandato. O futebol, era, neste quadro, um dos principais elementos que compunham a conjuntura do *Milagre* visto aqui em sua complexidade, como uma percepção otimista – alguma vezes até megalômana – quanto ao presente e ao futuro do país<sup>13</sup>. Nesse sentido, não seria razoável que a propaganda oficial não investisse no gosto do Presidente pelo futebol, sobretudo tendo em vista o contexto de auge daquele esporte no país. Assim, a imagem do *torcedor/homem comum* – que começava a delinear-se desde 1969 e ganhava contornos mais nítidos ao longo de 1970 – foi reforçada pela conquista definitiva da Taça Jules Rimet.

No início do ano de 1970, Médici fez questão de mostrar ao povo que o governo garantiu a possibilidade de ver os jogos da seleção ao vivo, tanto pela transmissão – que dependeu de interferência pública pelos altos gastos – como pela possibilidade de comprar televisores. O regime trouxe, literalmente, a seleção para os brasileiros: “Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão,

---

<sup>13</sup> CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro, FGV, 2015. (P. 147)



meu Governo se empenhou para que trouxéssemos o México à platéia de todos os lares do Brasil” (Médici, 1970).

Mesmo sem uma situação econômica favorável e ainda que não fosse fã do esporte como seu correspondente brasileiro, durante a Copa de 78 o presidente Videla soube aproveitar a imagem positiva do torneio. Ele fez questão de comparecer ao estádio, não apenas na abertura e no encerramento do evento, como é comum aos chefes de estado dos países sede, mas em todos os jogos da seleção argentina. Assim, o presidente conseguiu ser aplaudido seis vezes pelos torcedores argentinos nos estádios lotados. Quando questionado se essa presença constante não era por interesses políticos no evento, o presidente não hesitou em negar qualquer tipo de acusação: “Es cierto que he asistido a ocho encuentros de fútbol durante el desarrollo del Mundial y que esto no es una cosa usual para mí, pero le puedo asegurar que no lo he hecho por motivos políticos porque sería erróneo capitalizar el éxito que realmente le pertenece a todos.” (Videla, 1978). Afinal, uma das chaves para o êxito do uso político da Copa do Mundo era exatamente ele não ser percebido pela população.

Ambos os presidentes enfatizavam que as vitórias eram do povo de seu país, nem só dos jogadores nem exatamente dos regimes; era o povo o responsável pelo êxito. Partindo desta ideia, a próxima ação era incluir os próprios presidentes como parte deste povo, do “homem comum”. Ou seja, indiretamente, a conquista também era dos líderes, a partir do momento em que eles também eram parte do povo. Assim, não apenas criavam um canal de identidade com as massas como também canalizavam para si a vitória esportiva. Mas o faziam sem o culto ao líder que marcou os governos de seus antecessores Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, os quais tanto procuravam condenar e diferenciar-se.

No Brasil, o presidente Médici fez questão de marcar seu lugar como um torcedor a mais: “desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo” (Médici, 1970). É possível perceber uma “humanização” do líder militar. Tanto Médici como Videla utilizaram a Copa do Mundo como veículo de diálogo e identificação com a sociedade. Assim, criaram um tipo de aproximação e imagem positiva frente a diversos setores sociais, como um torcedor a mais na celebração pela



conquista esportiva. Além disso, os presidentes criavam também, a partir da seleção, o modelo de cidadão do país: “Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro!” (Médici, 1970)

Torcedor, presidente e cidadão tornaram-se sinônimos. E entrava também nesta equação os jogadores. Na retórica oficial, a vitória só foi possível pelo empenho dos atletas, que agiam como modelos de cidadãos, evidentemente, segundo os parâmetros do regime. O exemplo do discurso de Videla após o jogo contra o Peru que garantiu a seleção argentina na final simboliza esta associação: “Nuestros jugadores mostraron coraje, corazón y esas ganas de ganar que en todos los aspectos tiene el pueblo argentino” (Videla, 1978). O presidente defendia que a vitória era consequência da personalidade dos argentinos, lutadores, corajosos, que lutaram pelo título, representados nos onze jogadores em campo.

De fato, em ambos os casos enaltecia-se a vitória de determinado modelo de “argentinidade” e de “brasilidade”, o qual naqueles momentos, respectivamente, eram representados pelo Processo de Reorganização Nacional e pela Revolução de Março de 1964. Oficialmente, o que se propunha era uma associação entre o futebol e os selecionados nacionais à certo modelo de cidadania que as ditaduras buscavam exaltar. Por exemplo, no caso do Brasil, o Presidente Médici falava em “vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e serenidade dos capacitados, da técnica, do preparo físico e da categoria.” (Médici, 1970).

Outro ponto em comum no discurso dos dois líderes era a união nacional como condição para a vitória: “Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva” (Médici, 1970). No caso do presidente Videla, seu discurso enfatizou a união da torcida, a organização e a capacidade dos argentinos – diversas vezes questionada – de organizar a Copa em seu país. Para o general argentino, a vitória representou a superação e a união nacional, em um país marcado pelos conflitos políticos.

Mas o ponto mais importante, também presente em ambos os discursos, foi a associação da vitória esportiva ao êxito maior: a vitória da Pátria. Em um comunicado à



nação alguns dias após o fim da Copa de 1978, Videla fez questão de mostrar que o êxito não se limitava ao campo esportivo:

*Ese grito de Argentina que surgió unánime de nuestros corazones, esa única bandera celeste y blanca que flameó en tantas manos, son signos de una realidad profunda que excede los límites de un acontecimiento deportivo. Son la voz y la enseña de una nación que, en la plenitud de su dignidad, se ha encontrado consigo misma. (Videla, 1978).*

Anos, antes, o presidente Médici também fez questão de associar a vitória da seleção canarinho em 1970 ao projeto nacional, que então era colocado em prática: “Na vitória esportiva, a prevalência de princípios que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional.” (Médici, 1970). Alguns meses depois, por ocasião das comemorações da Semana da Pátria, em setembro, o presidente relembrou a vitória futebolística e comparou as comemorações populares à própria comemoração da Independência do país:

*Quero dizer ao povo que nunca, como neste ano, vi festejar-se, assim, a nossa Independência, em toda a extensão do território nacional, com essa efusão e essa presença. E cuido que, sobre ser um eco ainda do justo orgulho do povo pela recente vitória desportiva, estamos diante de um sinal e de um estado de espírito. Diz-me a sensibilidade que este é um sinal de que desperta e se fortalece a vontade coletiva, estado de espírito indispensável ao desenvolvimento de uma nação<sup>14</sup>.*

No discurso do presidente argentino Videla, a Copa de 1978 simbolizava uma nova etapa do Processo de Reorganização Nacional vencida pelos militares. Na lógica do regime, a ameaça “subversiva interna” tinha sido derrotada e era o momento do povo argentino, em paz, mostrar seu valor e construir um novo país:

*Es un día de júbilo para nuestro país. Por ello pido a Dios Nuestro Señor. Que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz. Esa paz que todos deseamos para todo el mundo y para todos los hombres del mundo”<sup>15</sup>.*

Estas palavras foram proferidas no evento que marcou a abertura da Copa do Mundo da Argentina. Como se vê, o presidente Videla enfatizava a oportunidade do

---

<sup>14</sup> “O valor do homem brasileiro” Mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol, a 21-6-1970.

<sup>15</sup> Declaração do General Jorge Rafael Videla à BBC de Londres reproduzida pelo jornal Clarín, 28/6/78.



recomeço. Sob este aspecto, tratava a realização da Copa como o ápice de um processo que remetia, evidentemente, a 1976 e no qual o país se empenhava para encerrar definitivamente um período de turbulências, uma oportunidade de refundação nacional, claramente de acordo com o projeto militar. Já ao discursar no encerramento do evento, o presidente argentino ressaltou o que considerava a capacidade vencedora de seu povo, e reafirmou as novas responsabilidades que o país teria daí por diante:

*Argentinos: hemos sido capaces de vencer a la ingería y al escepticismo. Seamos ahora también capaces, con la ayuda de Dios de impulsar a la nación en pro de un objetivo permanente. Todos, gobernantes y gobernados, instamos en lo hondo la dignidad de constituir un pueblo, que consciente de su propia fuerza quiere edificar su futuro, con humildad y alegría; con pasión y con paciencia; con prudencia y con coraje. Esta experiencia colectiva que hemos vivido nos enseña a levantar esa Argentina, definitivamente fraterna con que hemos soñado. Si de verdad lo queremos, nada ni nadie nos detendrá<sup>16</sup>.*

Para o Brasil, mais que o início, a Copa representava resultados. Claro que na lógica oficial ainda havia um longo caminho a seguir, mas em seus discursos o presidente Médici enfatizava o dever cumprido, em conjunto. Por sua vez, Videla também enfatizava a conquista coletiva, mas sempre marcando que aquele era o início da nova era, que ao mesmo tempo simbolizava o fim e uma etapa e o início de uma nova. Para Videla, a Copa mirava o futuro; para Médici, o presente.

Um dos momentos mais marcantes para os dois governos foi o contato com a população em espaços públicos durante as comemorações da conquista futebolística. Em 1970, o presidente Médici abriu as portas do Palácio da Alvorada, deixando a população entrar e assim participar junto da festa, enfatizando que o povo estava feliz, e celebrava pacificamente uma conquista nacional. Oito anos depois, foi Videla quem recebeu milhares de estudantes na Plaza de Mayo, em frente à sede do governo argentino, que foram agradecer ao presidente pela conquista esportiva, em uma manifestação clara de apoio ao regime. Espaços tradicionalmente marcados por lutas políticas, as ruas e praças públicas passaram por expressivo processo de ressignificação durante ambas as ditaduras. As Copas de 1970 e 1978 representaram, para Brasil e Argentina, tal processo em que repressão e autoridade combinavam-se a determinadas formas de civismo e participação consentida.

---

<sup>16</sup> Declaração do General Jorge Rafael Videla à BBC de Londres reproduzida pelo jornal Clarín, 28/6/78.

## Considerações Finais

As primeiras análises comprovam que na lógica dos líderes militares de ambos os países o êxito na Copa do mundo ultrapassava o limite esportivo, e por meio da propaganda política os próprios líderes do regime ficavam associados a esta vitória. A comoção nacional foi absoluta nos dois países e a vitória no futebol foi associada ao modelo de sociedade e nação imposto pelos militares.

Tanto no Brasil como na Argentina, o futebol é um importante elemento de identidade nacional, que leva a sociedade a encontrar uma identidade coletiva, e ver-se como um conjunto, uma unidade, a pensar-se a partir da ideia de nação, e assim funcionando “como uma espécie de “reduto” do nacionalismo moderno, particularmente através da possibilidade de retificação da nação em um competidor ou time, encurtando os caminhos para o processo de identificação”<sup>17</sup>. Assim, a partir da ideia do outro, do estrangeiro, o indivíduo se reconhece como parte de uma determinada nação. Pode-se compreender o futebol como um elemento do imaginário nacional que busca “construir a diferença no interior de um código que todos dominam e em uma prática a que todos atribuem valor, mesmo desigual”<sup>18</sup>, o que permite que ele seja compartilhado por distintos grupos sociais. Nesse sentido, o discurso futebolístico associado à nação foi então fundamental na retórica dos presidentes Médici e Videla, buscando associar a vitória na competição aos seus governos e modelos de sociedade.

Em cada caso, no Brasil em 1970 e na Argentina em 1978, os recursos utilizados para associarem as respectivas vitórias esportivas aos regimes se distinguiram, na medida mesma em que os contextos econômicos, políticos e sociais também eram distintos. Não obstante, os discursos presidenciais buscaram reforçar o sentido de *união nacional*, colocando em destaque determinado discurso cívico e mesmo modelo civilizacional, guardião dos *verdadeiros valores nacionais* que aqueles regimes julgavam representar.

---

<sup>17</sup> GUEDES, Simoni Lahud. *De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*, XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002. (P. 4)

<sup>18</sup> GUEDES, Simoni Lahud. *De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*, XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002. (P. 5)



Procurou-se sempre glorificar qualidades coletivas que eram vistas como positivas pelos militares: organização, coragem, unidade, patriotismo. Os jogadores eram a personificação do “cidadão ideal”, que lutavam pela pátria e mostravam suas virtudes para o mundo, assim como os torcedores, que cumpriram da mesma forma seu papel. E foi de grande importância nessa associação incluir os presidentes como parte desta torcida, também como cidadãos exemplares, e mais ainda, como cidadãos comuns. A partir desta “humanização” do líder foi possível criar canais de aproximação e diálogo entre Médici e o povo brasileiro, entre Videla e o povo argentino.

## Referências

### *Fontes*

Declaração do General Jorge Rafael Videla à BBC de Londres reproduzida pelo jornal Clarín, 28/6/78.

Discurso de abertura da X Copa do Mundo pelo presidente Jorge Rafael Videla.

Discurso de encerramento da X Copa do Mundo pelo presidente Jorge Rafael Videla.

Fundo Instituto de Brasileiro de Opinião e Propaganda (IBOPE). Arquivo Edgar Leuenroth, 1969-1973;

Mensagem do General Jorge Rafael Videla ao país pelo rádio e pela TV, reproduzido pelo jornal Clarín.

“Na praça do povo” Discurso pronunciado no dia 25-1-1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo.

“O valor do homem brasileiro” Mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol, a 21-6-1970.

“Ofício de todos nós” Pronunciamento feito, no Palácio Laranjeiras, durante a solenidade da assinatura da Lei que instituiu o Programa de Integração Social, a 7-9-70.

## Bibliografia

AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2014;



AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria. El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*, Buenos Aires, Prometeo libros, 2002.

\_\_\_\_\_. “Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol”. In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 147-164.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, México, FCE, 1993.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol – uma paixão nacional*. Jorge Zahar Editor. RJ, 2002.

ARCHETTI, Eduardo. Fútbol: imágenes y estereotipos”. In Devoto, Fernando e Madero, Marta. *Historia de la vida privada en la Argentina. Tomo III – La Argentina entre multitudes y soledades. De los años treinta a la actualidad*, Buenos Aires, Taurus, 1999, pp. 227-253.

BARROS, José. “História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história”. In Revista de Historia Comparada, vol. 1, nº 1, junho, UFRJ, 2007.

BECKER, Jean-Jacques. “A opinião pública”. In: René Remond (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BLAUSTEIN, Eduardo e Martín ZUBIETA. *Decíamos ayer. La prensa argentina bajo el proceso*. Buenos Aires, Colihue, 2006.

BUFALI, Andrés Alberto, BOIMVASER, Jorge Daniel e CECCHINI, Daniel Guillermo. *El libro negro de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires, Planeta, 1994.



CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro, FGV, 2015.

\_\_\_\_\_. Por que lembrar? A memória coletiva sobre o governo Médici e a ditadura em Bagé In: *A ditadura que mudou o Brasil - 50 anos do golpe de 1964*. 1, 2014, p. 186-202.

DAMATTA, Roberto "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro", In *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. "O ethos capitalista e o espírito das Copas" In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 39-72.

FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FRANCO, Marina. "Derechos humanos, política y fútbol". *Entrepassados*. Buenos Aires, v.XIV, nº 28, 2005, p. 27 - 45.

\_\_\_\_\_. "La 'campana antiargentina': la prensa, el discurso militar y la construcción de consenso", en Judith Casali de Babot e María Victoria Grillo (eds.), *Derecha, fascismo y antifascismo en Europa y Argentina*. Argentina, Universidad de Tucumán, 2002, pp.195-225.

GASPARINI e PONSICO. *El director técnico del Proceso*. Buenos Aires, El Cid Editor, 1983.

GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud. "De pátrias e de chuteiras". In Gastaldo, Edison Luis e Guedes, Simoni Lahud (org.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 7-12.

GILBERT, Abel e VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria – La vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*, Buenos Aires, Editorial Norma, 1998.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo, Nova Alexandria, 1999.

GUEDES, Simoni Lahud. *De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*, XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002.

GUTERMAN, Marcos. “Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar”. In: *Projeto História*. São Paulo. Vol.29, Tomo I, dezembro de 2004

HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWN, Eric e TERENCE, Ranger. *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

LLANTO, Pablo. *La Vergüenza de todos (El dedo en la llaga del Mundial 78)*, Buenos Aires, Editorial Madres de Plaza de Mayo, 2005.

LVOVICH, Daniel. “Sistema político y actitudes sociales en la legitimación de la dictadura militar argentina (1976-1983)”. In: *Ayer*, 75/2009.

MAGALHÃES, Livia G. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2014.

MATOS, Heloíza. “O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici”. *Líbero*, Ano VI, nº12, 2002.

MILLIET, Raul (org.) *Vida que segue – João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.



NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia Argentina v. 9 – La dictadura Militar 1976/1983, del golpe de Estado a la restauración democrática*, Buenos Aires, Paidó, 2003.

QUIROGA, Hugo. “La verdad de la justicia y la verdad de la política. Los derechos humanos en la dictadura y en la democracia”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 67-86.

\_\_\_\_\_. “La política en tiempos de dictadura y democracia”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *Argentina 1976-2006 – Entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 2006, pp. 69-96.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, FGV, 1996

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. v. 2: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

SANI, Giacomo. “Consenso”. In: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política*. Brasília, EdUnb, 4ªed., v.1, 1992.

SIDICARO, Ricardo. “El régimen autoritario de 1976: refundación frustrada y contrarrevolución exitosa”. In Quiroga, Hugo e Tcach, César (org.). *A veinte años del golpe con memoria democrática*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 1996, pp. 9-26.

SOARES, Antonio J. “História e invenção de tradições no futebol brasileiro”. In Alabarces, Pablo. (org.), *Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*, pp. 113-142, Buenos Aires, CLACSO, 2000.

\_\_\_\_\_, SALVADOR, Marco A. e BARTHOLLO, Tiago Lisboa. “Copa de 70: o planejamento México”. In Gastaldo, E. L. e Guedes, Simoni Lahud (org.)



*Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006, pp. 103-123.

THEML, Neyde e BUSTAMANTE, Regina M. Cunha. “História Comparada: olhares plurais”. In *Revista de Historia Comparada*, vol. 1, nº 1, junho, UFRJ, 2007.